

A LUCTA

Santa Catharina—Desterro—Domingo 28 de Junho de 1885

ANNO I

REDACÇÃO DE JOSÉ RAPOSO

NUMERO 14

EXPEDIENTE

A «Lucta» assignar-se-ha no escriptorio do «Jornal do Commercio», á Praça Barão da Laguna n. 14, á razão de 1\$ por trimestre e de 1\$200 com porte pelo correio, devendo o pagamento ser feito adiantadamente.

Publicar-se-ha duas vezes por semana, ás quintas-feiras e domingos, sendo vendido o numero avulso a 40 rs.

O numero atrazado da «Lucta» custará 100 rs.

Publica-se annuncios a 40 rs. a linha e artigos ineditoriaes a 60 rs.

Ficam encarregados de receber assignaturas para a «Lucta» os seguintes senhores:

Francisco Monteiro Cabral, na Laguna e freguezias

João Cabral de Mello, no Tubarão.

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes, tanto da capital como de fóra, se sirvam reclamar immediatamente, quando houver irregularidade na entrega d'esta folha.

Os originaes enviados á redacção não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

COLLABORAÇÃO

Bem geral

Temos demonstrado:

Que a «D. Thereza Christina» carece de um porto de facil accesso e segurança, para poder ser exportado

o carvão de pedra das minas do Tubarão;

Que este mineral constitue, pôde-se dizer, a fonte principal, senão a unica, da renda liquida da estrada;

Que esta teria bom porto, si fosse melhorada a barra da Laguna ou construido um quebra-mar em Imbituba.

Para nós, portanto, qualquer dessas duas obras, cuja construcção autorisasse o governo, seria medida salvadora da estrada de ferro e garantidora dos interesses do Estado; porque, então, daria aquella uma renda liquida certa e este teria os meios de ser embolsado dos juros que pagasse sobre o capital da mesma estrada.

E facil e pouco dispendiosa seria a realisacção de qualquer dos dous trabalhos, sobre os quaes já existem estudos, planos e orçamentos feitos, não excedendo as despesas a 1.200:000\$000.

Isto, não acceitando o orçamento feito pelo sr. capitão-tenente Calheiros da Graça que, segundo estudos planos, e planta que organisou, orçou em pouco mais de setecentos contos as despesas com o melhoramento da barra da Laguna.

E esta questão se acha affecta ao parlamento que, á falta de quem pugne, energicamente, pelos direitos da provincia, naquella casa, nada resolverá, como não o tem resolvido até hoje.

E assim, em vez de autorisar-se aquella despesa de 1.200:000\$000, quando muito, com certeza de seguro e feliz resultado, está sendo onerado o paiz, annualmente, com a quantia de 381:780\$623, que tanto paga o Estado de juros sobre o capital da «D. Thereza Christina», onus este que representaria, afinal, a som-

ma de 11.453:418\$690, juros de 7,1° sobre 5.451:008\$900 e pelo prazo de 30 annos, conforme obrigou-se o governo para com a companhia da estrada.

E, depois, vem-se dizer que o máo estado das finanças é devido á autorisacção de construcção de desastradas estradas de ferro como a «D. Pedro I» e outras.

Não, não é esta a causa disso.

A má direcção dos negocios do paiz, a má applicação dos dinheiros publicos, a pouca aptidão de muitos dos nossos homens de governo, a inercia e a indifferença de alguns representantes da nação, é que dão logar a esse estado calamitoso, por que vamos atravessando.

Ponha-se á frente da governação homens praticos e experimentados, que entendam de governo e de finanças;

Mande-se para o parlamento advogados do povo e não credores do subsidio;

Dê-se portos ás praças commerciaes importantes e ás estradas de ferro que carecem delles;

Autorise-se despesas reproductivas;

Nada de contractos indecentes nem patotas escandalosas;

E o paiz será salvo e as finanças hão de melhorar, forçosamente.

Nos transviamos um pouco do nosso objectivo e, assim, diremos, resumindo:

Si o governo não quer ser forçado a encampar a «D. Thereza Christina», mande fazer o melhoramento da barra da Laguna ou a construcção do quebra-mar de Imbituba.

TH. CHAVES

NECROLOGIA

Falleceu, a 24, o tenente-coronel reformado do exercito Joaquim da Silva Ferreira Junior, commandante da fortaleza de Santa Cruz.

Recebemos o n. 33 da «Matraca».

Nas suas duas paginas illustradas occupa-se com o embarque do sr. Paranaguá e com o redactor da «Voz do Povo».

Pob-e homem, em que «arriosea» se foi metter!

O texto...

Mas, porque não deixam o neto da «Avó»?... Elle, enquanto não levar as suas idéas á freguezia da Santissima Trindade, decididamente, não descansa!

O mar

Tu sabes o que era o mar
antes de andar agitado?...
Era um lago subjugado
da morbidez d'um olhar,
que se via apixonado.

Porém um dia o luar,
que era o l'z d'aquele olhar,
não veio, como o costume,
apagar todo o ciúme,
que andava dentro do mar.

E esse abyssmo, que não sondas,
filiante ou embravecido
levantou para o céu
as imprecações das ondas,
quando o luar se escondeu.

Hoje essa massa inquieta,
batida pelas saudades,
vem que a lua indiscreta
tomo as novas amizades,
vaga-se nas tempestades.

E nós, ouvindo-as passar,
cremos que o mar é um malvado;
e no entanto o pobre mar
não parece o culpado;
o culpado é aquelle olhar.

Assim, vendo essa tristeza,
que paira por sobre as aguas,

eu imagino, princeza,
que me enboldece com maguas
um olhar que me despreza...

Por isso, na grande lida
do meu caminho de abrolhos
te peço, em voz dolorida,
que antes me tires a vida
do que me escandas teus olhos!...

ANTONIO FOGAÇA.

Do expediente da presidencia de 23 do corrente:

Acto.—Examinando, a seu pedido o bacharel Gustavo Gileão do cargo de promotor publico da comarca do Tubarão.

Acto.—Declarando em effeito o de 11 de Fevereiro ultimo na parte que se refere a remição do promotor publico bacharel Herculanio Maynard Franco da comarca do Tubarão para a da Laguna.

Acto.—Removendo o promotor publico Manoel Cagnolo dos Santos da comarca de S. José para a da Laguna.

Do dia 25:

Acto.—Examinando, a seu pedido, e de accordo com a informação do dr. chefe de policia, do cargo de 1º supplente do delegado de policia do termo de Curitiba o cidadão Paulino Joaquim Ferreira Maia.

Acto.—Nomeando, sob proposta do dr. chefe de policia, para o cargo de delegado de policia do termo de Curitiba o cidadão Serafin José Pinheiro, bem como para 1º supplente o cidadão Francisco José de Oliveira Lima Junior.

Uniram-se hontem, em mat. no. na igreja matriz, d'esta capital, a Exma. Sra. D. Cecilia Alves Eloy e o Sr. tenente Firmino Lopes Rego.

Foram padrinhos: da noiva o Sr. José Lino Alves Cabral e sua Exma. Senhora; do noivo o Sr. capitão João Francisco Duarte de Oliveira.

Apresentamos ao digno par a curvatura dos nossos e emprimentos.

«Jocelin» é o titulo do drama escripto e collido pela sympathica sociedade «Alvaro de Carvalho» para o espectáculo, que pretende offerecer aos seus convidados em principios de julho proximo.

Pelo que a respeito conversamos, o drama tem requisitos para agradar uma platêa illustrada como a nossa. Esperemos, pois.

A vol d'oiseau

Começou mal esta semana.

Logo na segunda-feira passamos pelo desgosto de ver partir o sr. Paranaguá, que tão bem soube honrar a cadeira da presidencia que, por alguns mezes, occupou.

Foi realmente pena que nos deixasse esse honesto moço que, durante toda a sua administração, só provocou applausos e sympathias.

Todos sentiram a retirada do sr. Paranaguá; só a «Regeneração» deixou foguetes por aquillo que os homens sérios consideravam prejuizo para a provincia.

Modos de entender...

O nosso pequeno mundo politico está a ferver em pulgas.

Liberaes e conservadores acham-se nos mesmos casos que o espectador em noite de «première».

Uma impaciencia que...

Deus queira! Deus queira!

—E' isto, diz nm.

—Qual, diz outro, creio que o Elysen não pôde contar com elle.

E n'estes dialogos passa-se o tempo, que mostrará se o sr. Palmeiro é palmeiro ou salseiro.

Seja o que quizer: mas faça alguma cousa por esta provincia, e lembre-se de que o dr. Paranaguá deixou sympathias, exceptuando as da «Regeneração» e de seus (d'ella) attentos, veneradores, criados muito obrigados.

Não sabemos se o leitor teve o praser de ser convidado para a ultima partida do «Club 12 de Agosto». Se o teve, damos-lhe os parabens.

porque, na realidade, foi uma «soirée» que nada deixou a desejar.

Tudo, tudo, tudo o que pôde deliciar o onvido, fascinar os olhos, consolar o nariz, achava-se realizado n'esta trindade chapa, mas symbolica:

Musica, flores e moças; ou moça, flores e musica; ou invertendo ainda, e quantas vezes quizerem, para nenhuma das tres sublimidades ficar descontente por causa da primasia.

As moças adoraveis, a musica «bellinica» e as flores perfumosas e frescas como, como será? como... como o beijo de uma creancinha loura.

E depois a amabilidade da Directoria?!

Uma amabilidade de obrigar a gente a hypothecar o coração, o que teriamos feito, se o não tivéssemos deixado dependurado n'uma pupilla de que bem desejamos ser... tutor.

Os olhos mais lindos que temos visto, depois de uns que são pretos como um Abyssinio e que, embora afastados de nós, parecem fitar-nos amorosamente enlanguescidos...

E' uma celebridade o sr. Crespo. Já lhe não bastava ser director da Instrução publica e ex-presidente de provincia malfadada.

Passou agora a ser um sobresalto, um verdadeiro perigo para as senhoras que estão de «esperanças».

Narron-nos uma respeitavel mãe de cinco interessantes filhinhos e que não conhece, para descanso d'ella, nem de vista, o sr. Crespo, que uma sua amiga tivera um máu successo só por olhal-o.

Safal! que susto o tal homem! Com vistas ao dr. Delegado da junta central de hygiene publica.

Consta-nos que o partido liberal da provincia offerece hoje um banquete ao sr. dr. Palmeiro.

Vão com isso; preparem o homem. Está provado que um bom jantar pedispõe o espirito.

BENTO DOS...

O seminarista

Estamos na provincia.

Uma pequena villa.

As compridas noites de inverno haviam chgado já; começava a saber bem o circulo em volta da brazeira, na confortabilidade honesta das pequenas reuniões de familia—esses adoraveis seções genuinamente portuguezes, onde todos fazem qualquer cousa e que vão sendo modernamente substituidos, sob o titulo de *soirées*, por uma pasmaceira insipida onde nem se faz o que pelo menos se deveria fazer—conversar.

Estamos n'essas noites, digo, em que a reunião se torna um prazer, o aconchego uma necessidade.

A casa do Visconde T..., homem lhano e de boa companhia, era um dos pontos mais frequentados. N'essa noite, porem, a reunião era n'outra parte e a casa do Visconde jazia n'um profundo silencio. Mais tarde diremos porque.

Um assumpto importante, cheio de interesse local, punha a indignação em toda aquella boa gente, de costumes simples, habituada a conhecer só de longe os grandes escandalos domesticos. La largo o cavaco e a voz d'um era a voz de todos, pintando cada qual o facto com as côres que mais pudessem carregar o culpado.

—E lembrar-se a gente que recebeu por tanto tempo aquella canalha em sua casa!...

—Eu cá por mim sempre disse comigo: o padre Encarnação não me enganava com o seu ar de santidade.

—Pois sim, mas vossê era um dos que o recebiam em sua casa.

—E então, que queria que eu fizesse? Se o Visconde era o primeiro a apresental-o como o seu melhor amigo... E vós-ê sabem que todos aqui devemos consideração ao Visconde pelo seu character.

—E foi ao proprio benefactor a quem aquelle patife feriu no que tinha de mais caro. Infame!

—E' verdade, dizes bem, tres vezes infame! Recebido n'aquella casa de braços abertos, onde tinha sempre um talher à mesa, não contente em fugir-lhe com a mulher, deixou a filha—aquella gentil creança que trouxemos ao collo—no estado...

—E a justiça, o que faz a justiça n'ê-te caso!

—Ora o que faz; o mesmo que sempre. Nada!

E o peor é que ainda has de ver o padre Encarnação muito respeitado ali em qualquer terra!

—Eu cá por mim ainda me não atre-

vi a encerrar o Visconde. Coitado! Só aquella filha e vel-a assim barbara, monte deshonrada...

—Palavra; eu se fosse comigo tinha alma de dar um tiro n'aquelle ladrão!

—E vejam vossê: tambem as mulheres é lá para onde lhes dá. Deixar a familia, o marido que a adorava, a posição, tudo enfim, por esse podre de má morte.

—Se já se viu uma causa assim!

—Veremos agora se isto servirá de lição a todos.

—Tudo isso é muito bonito, mas o que está feito, feito está e agora o Visconde por mais que se arrependa não lhe poderá dar remedio.

E o serão, geralmente placido e ameno, tornára-se n'aquella noite n'um vózear indignado, cheio de pontos d'exclamação.

Apenas um dos presentes não tinha tomado ainda a palavra. Sentado n'uma cadeira de braços, aspirando a intervallos pantados a sua pitada de rapé, ouvia n'uma impassibilidade profunda as chronicas da semana. Era o medico da terra: homem já de idade e bemquisto de todos.

—Meus amigos: visto que já se tem commentado largamente o caso que n'este momento prende as attensões geraes, eu peço licença para, n'um pequeno parenthesis, contar succintamente uma historia que lhes merecerá talvez algum interesse.

—Com todo o gosto, Doutor.

—Foi ha annos: haverá uns 10. Achava-me eu ao tempo na cidade de... como medico de partido. Dava-me muito ali com um bom homem, leal às dritas, character honradissimo, e que passava como possuidor d'uma grande fortuna. Vivia só, n'um celibato desolador e tendo por unico affecto a um sobrinho, filho d'uma irmã que adorava e que ao morrer lhe pedira duas cousas: que se não esquecesse do filho e que o dedicasse à carreira ecclesiastica. O bom do homem cumpriu á risca as ultimas vontades da irmã: adorava o sobrinho e tinha-o no seminario. Conheci tambem o rapaz—o Antoninho—e visto-ser elle o principal personagem d'esta historia, permittam-me que tente descrevel-o, quanto a memoria me ajude. Antonio Mendes, como disse, perdera muito cedo a mãe e com ella esse grande thesouro de carinhos que é talvez a unica coisa verdadeiramente boa e desinteressada que temos durante a vida. Bem creança o destino quiz marcar-lhe o caminho da dor!

No pouco tempo que lidei com elle parece-me ter conhecido bem o seu character.

Era naturalmente bom, affavel, singelo. Comquanto a sua vocação intima o não chamasse a vestir a batina, sujeitava-se passivamente ao seu destino, e n'isso não fazia mais do que pagar ao seu bemfeitor o muito que lhe devia.

Naturalmente triste, melancolico, faltava-lhe essa alegria que todo o rapaz deve ter na adolescencia. Não sei se me explico bem: faltava-lhe como que o desabrochamento d' affectos com que todos mais ou menos nascemos e que elle tinha ainda, n'aquella idade, concentrados em si.

Nas penultimas ferias em que o vi, pareceu-me Antonio ainda mais pensativo que de costume.

Fui e sou ainda hoje um pouco observador: tentei conhecer d'aquella melancolia e cheguei á convicção, o que alias não era difficil, de que Antonio gostava d'uma mulher. Conheci-a tambem a ella e, francamente, não o merecia: era bella, mas com a belleza parada da mulher que não tem em si alguma cousa de superior, de grandioso, que saiba preencher o sentimento do homem.

Comtudo Antonio amava-a profundamente, amava-a dedicando-lhe um por um todos os affectos que até ali não pudéra expandir.

A conquista não lhe foi difficil. Antonio devia ser herdeiro d'uma grande fortuna e as cousas poderiam inclinar-se ao casamento.

D'aquí veio o que naturalmente devia acontecer:

Elvira envolveu Antonio no seu manto de seducções e o pobre rapaz embriagado, louco, deixou-se arrastar por aquella ventura que se lhe afigurava sobrenatural. Foi mesmo mais além do que nunca esperára, e ao terminar as ferias levava para o Seminario a recordação ardente d'umas horas d'amor e a esperança—esperança terrivel—de ser pae. Correu o tempo das aulas e ao voltar das ferias Antonio tinha concluido os preparatorios. Um passo mais e seria padre.

Ficava-lhe portanto: d'um lado, a obediencia ao tio, o dever de respeitar a ultima vontade de sua mãe,—do outro, o compromisso d'honra que contrahira com uma mulher—mulher que elle adorava. Não hesitou. Resolveu confessar tudo ao tio e, custasse o que custasse, casar com Elvira.

Desculpem os meus amigos se entro n'estes pequenos detalhes que são precisos para o desfecho d'este romance real.

Como ia dizendo, Antonio contou tudo ao tio, e ao sair de casa levava o coração partido pela amargura e para sempre perdida a esperanza de voltar áquelle abrigo, onde deixava uma grande dôr.

—Uma vez casado, Antonio, tinha de ganhar a vida: começou dando lições mas o producto d'ellas mal chegava para acudir ás primeiras necessidades. N'essa vida cheia de provações e de desgostos se foi arrastando ainda por perto d'um anno, até que vagou o lugar de professor publico. Com a esperanza a sorrir-lhe abraçou a mulher, e quem apesar de tudo amava, e partiu para a capital, levando no bolso os documentos precisos e na alma uma tristesa vaga de saudade. Era como que um presentimento...

Um mez se passou. Ao cabo d'elle Antonio recebia por carta d'um amigo a noticia fria, medonha n'um laconismo de verdade, de que sua mulher fugira com o Visconde T... que estivera uns dias de passagem na terra.

Em pouco mais se resumê a historia, meus senhores. Antonio não mais appareceu na cidade. Elvira morria pouco depois no leito d'um hospital.

Soube mais tarde que o rapaz tinha tomado ordens.

—Mas então, Doutor, o padre Encarnação era?!...

—O antigo Seminarista.

A. DE BULHÃO PATO.

ANNUNCIOS

O MEQUETREFE

HEBDOMADARIO HUMORISTICO
CRITICO, SATYRICO E ILLUSTRADO

56 Rua da Quitanda 56
(CORTE)

Preço das assignaturas para as
provincias

Anno 20\$000
Semestre 12\$000

Pagamento adiantado

Correspondente da Empreza n'esta
provincia

JOSÉ RAPOSO

ADVOGADO

THOMAZ A. F. CHAVES
Praça Barão da Laguna
n. 23

COLLEGIO SANTA MARIA

INTERNATO E EXTERNATO
DE INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA
5 Rua da Paz 5

APONTAMENTOS ORPHANOLOGICOS

Os Srs. subscriptores pôdem mandar buscar os exemplares de suas assignaturas, á Praça Barão da Laguna n. 32, onde se vende tambem cada volume daquella obra por 3\$000.

José Agostinho Demaria

Barão da Laguna, n. 16.

Todos estes generos tem o abaixo assignado em seu Deposito á Praça

Manteiga superior, de França, em barris e latas de 1 kilo.
Bitter legitimo superior
Salame excellente, muito fresco, d'Italia
Vinho Bordeaux, Conservas alimentares e Vinhos especiaes.

DIVERSOS GENEROS

RECEBIDOS DE FRANÇA E D'ITALIA

CONSELHO AS MAES.

O XAROPE CALMANTE DA SNRA. WINSLOW deve dar sempre que os meninos padecem na dentição.
Proporciona alivio immediato ao pequeno patiente produz hum sono tranquillo e natural, calmando todas as dôres, e logo amanhêce o angelinho risinho e feliz. E muito agradável ao paladar. Alivia a criança amolga as gengivas, afugenta as dôres, regula os intestinos, sendo o melhor remedio que se conhece para a diarrheia occasionada pela dentição ou por outra causa.

IMP. NA YIP. DO «JORNAL DO COMMERCO»